

Muitos debates, nenhuma solução

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — Quando, no fim da tarde de sexta-feira, encerrou-se o seminário promovido pelo jornal "International Herald Tribune" e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (América Latina: Rumo ao Crescimento Renovado), os 160 participantes trocaram sorrisos e cartões, mas todos a quem O GLOBO fez a mesma pergunta — o que resultará deste encontro, na sua opinião? — responderam com a mesma palavra:

— Nada.

O Presidente do First Boston, Pedro Pablo Kuczynsky, antecipou este final em sua palestra, ao dizer que já esteve em 4 mil encontros desse tipo e todos foram igualmente inúteis para a solução da dívida externa.

A razão se torna óbvia quando se comparam os discursos e seus autores. O Vice-Ministro das Finanças do México, Francisco Suárez, o Professor Richard Marin, do Centro de Pesquisa de Política Econômica e o próprio Kuczynsky (cujo banco surpreendeu o mercado há poucos meses ao considerar como perdidos 20% de seus créditos nos países em desenvolvimento) concordaram num conceito geral que poderia ser expresso assim: é preciso criar uma estratégia que alivie os devedores porque eles não aguentam mais.

Mas, como disse Paul Volcker, esta é uma opinião de quem não tem dinheiro a perder com uma estratégia de alívio. O próprio Volcker, e o banqueiro mais experiente do mundo em negociações de dívida externa, William Rhodes, do Citicorp, apresentaram forte argumentação em favor da estratégia ortodoxa que vem sendo seguida desde 1982. Volcker diz que as coisas agora estão muito melhores do que em 1982 e Rhodes afirmou que as contas dos devedores e os balanços dos bancos melhoraram muito nos últimos cinco anos.

No time dos "que têm dinheiro

a perder" com uma mudança de rumos, o mais ousado foi o suíço Franz Lutolf, da Swiss Bank Corporation, que propõe três ajustes na ortodoxia: todas as renegociações devem ter o maior prazo possível, deve ser introduzido um mecanismo que proteja os devedores de uma alta insuportável dos juros, e um outro que vincule o automático adiamento do pagamento de juros ante determinados indicadores (por exemplo, no caso do México, se o preço do petróleo caísse abaixo de certo nível).

Volcker fez a usual exaltação da "grande e dinâmica economia brasileira" para defender a posição de que ela "mostra repetidamente a capacidade de produzir excedentes exportáveis". E Rhodes disse que todos os países devedores poderão seguir o exemplo dos bônus mexicanos desde que atinjam o mesmo estágio de progresso desse País. Entre os sucessos mexicanos, o Presidente do Comitê de Direção dos bancos credores do Brasil mencionou o alto nível de reservas, o bem-sucedido reescalamento multi-anual e o seu passado de pagamentos em dia dos juros.

O ministro mexicano também mencionou esses sucessos do seu País, mas acrescentou que a estratégia ortodoxa tinha vários pressupostos em 1982 que nunca se materializaram: crescimento de 4% a 5% nos países ricos, baixa dos juros reais, retorno do fluxo de créditos comerciais, aumento dos empréstimos das instituições internacionais, etc.

Em relação ao Brasil, esse banqueiro teve uma experiência direta de alguns anos e acha que o problema central hoje é o da credibilidade. Muitos banqueiros acham que há um vazio político no País, disse. Ele também desfiou experiências com vários empresários que se dispuseram a montar empreendimentos no Brasil para exportação, mas depois descobriram ser muito mais lucrativo produzir apenas para o mercado interno, aproveitando o clima protecionista.